



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I – CAMPINA GRANDE

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

ROBERTA TIBURCIO BARBOSA

**DEVIR-NÓS: ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E POTÊNCIA DOS POBRES
EM “DUZU-QUERENÇA”**

CAMPINA GRANDE, PB

2016

ROBERTA TIBURCIO BARBOSA

**DEVIR-NÓS: ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E POTÊNCIA DO POBRE EM
“DUZU-QUERENÇA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
– Língua Portuguesa – da Universidade
estadual da Paraíba, como pré-requisito para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa
Justinho

Campina Grande, PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B239d Barbosa, Roberta Tiburcio
Devir-nós [manuscrito] : ancestralidade, memória e potência dos pobres em "Duzu-Querença" / Roberta Tiburcio Barbosa. - 2016.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Departamento de Letras e Artes".

1. Análise literária 2. Literatura brasileira contemporânea 3. Pobre - Classe social I. Título.

21. ed. CDD 801.95

ROBERTA TIBURCIO BARBOSA

DEVIR-NÓS: ANCESTRALIDADE, MEMÓRIA E POTÊNCIA DO POBRE EM
"DUZU-QUERENÇA"

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
– Língua Portuguesa – da Universidade
estadual da Paraíba, como pré-requisito para
obtenção do título de licenciatura Plena em
Letras.

Aprovada em: 19/10/2016

BANCA EXAMINADORA



Nota: 10,0

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0

Prof. Dr.ª Ana Lúcia Maria de Souza Neves (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Nota: 10,0

Prof. Dr.ª Kalina Nara Guimarães (examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 10,0

À minha querida mãe, Maria José, e ao meu amado José Cláudio, fontes primeiras de minha força e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente tenho que agradecer a Deus, por estar sempre ao meu lado me guiando para os melhores caminhos. Aos espíritos de luz, especialmente minha orientadora espiritual e meu avô Severino, enviados por Deus para me acompanhar/aconselhar nessa jornada terrena, na qual busco, mais uma vez, o progresso moral e intelectual, que tanto me são necessários.

Não posso deixar de agradecer a pessoas sem as quais eu não teria chegado ao lugar que me encontro hoje. Principalmente a Luciano Justino, por acreditar na minha potência e me conceder a oportunidade de fazê-la visível ao mundo acadêmico. E as professoras Ana Lúcia e Kalina Naro, por se disponibilizarem pronta e gentilmente ao exame de meu escrito.

Sempre presentes na minha memória estão aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu viesse a alcançar este sonho de adentrar no maravilhoso universo das letras. Eu, uma garota pobre do interior da Paraíba, com poucos conhecimentos, jamais teria chegado ao lugar em que me encontro sem os auxílios que recebi.

Agradeço à Edneuda Amâncio, por me auxiliar, desinteressadamente, no ingresso na Universidade, me guiando ao vestibular quando eu ainda nem mesmo sabia como caminhar. À Eumarquizey e Helton, amigos eternos, pelas parcerias nos cursinho e na própria vida. À Marinês Medeiros, pela acolhida carinhosa. E à Heloisa Medeiros pelas parcerias valiosas. À Fernanda Félix e Monalisa Barboza, parceiras de muitas jornadas, pelo companheirismo em todos os momentos. À Jayanne Gabrielle, irmã de alma, por me mostrar as coisas mais belas e me ensinar o amor fraternal verdadeiro. Ao Isidoro Amaral pela amizade sincera e auxílio. E a todos os meus amigos do curso de letras.

Um especial obrigado para meus apoiadores maiores, os espíritos que vêm me acompanhando na senda evolutiva ao longo dos séculos. À minha mãe, Maria José, por todo apoio e sacrifício para me ver feliz. Ao meu noivo José Cláudio, pela compreensão, paciência e amor verdadeiro em todos os momentos. Ao meu irmão Ismael, pela ajuda constante nas minhas trajetórias estudantis e pessoais. Ao meu pai, José Roberto, pela abnegação e humildade que me abriram as portas do mundo. Aos meus tios, Antônio, Gabriel, Manuel e Guia, por todo o apoio.

À Capes e ao CNPq pelos auxílios financeiros que, durante a maior parte da minha graduação, foram indispensáveis para a minha permanência no curso e o aprofundamento de meus estudos.

*“A voz de minha bisavó ecoou
criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.
A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue e
fome.
A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade”.*

“Vozes mulheres” – Conceição Evaristo

Sumário

Introdução.....	7
1. Subjetividade e competência (re)criadora: o pobre no Brasil contemporâneo	9
2. Literatura brasileira contemporânea: a questão do excluído e a quebra do silêncio....	13
3. Querer-poder: a possibilidade de vida em Duzu-Querença.....	17
3.1 <i>Duzu-Querença e a literatura pós-autônoma</i>	18
3.2 <i>Duzu-Querença e a exclusão do ex-cêntrico</i>	21
3.3 <i>Duzu-Querença e a potência dos pobres</i>	24
Considerações finais.....	28
Referências.....	30

RESUMO

Na Literatura Brasileira Contemporânea a voz dos sujeitos “ex-cêntricos”, daqueles que foram excluídos pelo centro dominante (etnocêntrico, patriarcal e opressor), ecoam e revelam as suas capacidades (cri)ativas, desviantes e até revolucionárias. As categorias de classe, gênero, etnia, entre outras, que eram silenciadas e passavam despercebidas pelo/no discurso social, e não eram questionadas na Crítica Literária, se fazem cada vez mais visíveis e problematizantes do sistema patriarcal-capitalista em que se inserem. É a literatura uma das muitas formas que os marginalizados se utilizam para adentrar no espaço de dominação e subverter a ordem. Os percursos desses personagens ainda se encontram perpassados por muitos valores e influências do *centro*. Contudo, por caminhos transversais eles trabalham, produzem e (re)criam maneiras de viver de forma mais digna e significativa. Dentre tantos personagens os pobres se apresentam como uma figura que semiotiza os muitos “periféricos”, tendo em vista a amplitude de grupos/pessoas e culturas que agrega em sua subjetividade. Entre os escritores contemporâneos que apresentam em seus textos uma configuração dos excluídos como sujeitos autônomos e desviantes, se encontra Conceição Evaristo. Destarte, procuramos, por meio do conto “Duzu-Querença”, publicado na obra “Olhos d’água” (2014), refletir acerca da figura do pobre na literatura brasileira contemporânea. E investigar de que forma as personagens, por meio de trajetórias singulares, configuram uma espécie de Memória coletiva dos marginalizados/pobres, que se entrecruza com pontos como a ancestralidade e a “comunidade”, resultando em uma personificação do *dever-nós dos pobres* na personagem Querença, pertencente ao conto em questão. Por meio de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, com base nos estudos de Bauman (2003), Souza (2009), Hardt e Negri (2001), etc, a respeito das configurações sociais que se estabelecem em torno do sujeito pobre nos espaços “reais” de convivência humana na sociedade, bem como, nos estudos sobre a Literatura Contemporânea de Dalgastagnè (2012), Ludmer (2007), e Hutcheon (1991). E, principalmente, no conceito de “Literatura de Multidão”, de Justino (2015), almejamos compreender qual o papel desempenhado pelas personagens do conto evaristiano para a semiotização dos muitos ex-cêntricos na Literatura Brasileira Contemporânea, e como se processa/configura essa ação.

Palavras-chave: Literatura Brasileira Contemporânea, pobres, Duzu-Querença.

Introdução

Ao longo do tempo, pessoas, conceitos, ideologias, valores, tudo se transforma. Na literatura contemporânea emergem narrativas com novos personagens, diferentes maneiras de escrever e compreender-se narrador e fato narrado, bem como se expande a definição de “Literatura” e “literário”. No Brasil atual os atores da vida cotidiana, os pobres, estão ganhando cada vez mais espaço/voz na sociedade, o que vem ocorrendo também no plano das letras.

Agora até o silêncio grita, fazendo com que se ouça o movimento de produção e criação, a potência dos pobres, e com eles os muitos marginalizados e excluídos socialmente. Quando falam, ou no momento em que se ouve a voz dos *muitos* subalternizados, fica evidente o processo hierárquico que se encadeou ao longo da

história, legando os espaços mais inferiores para esses grupos ditos “minoritários”, processo que se deu por critérios de raça, sexo, gênero, classe social, etc.

O espaço batalhado pelos sujeitos “ex-cêntricos”, aqueles que se encontram à margem do corpo dominante, é um local de constantes conflitos, não é o em sua maior parte deles, que são muitos, mas continua pertencendo a *um* centro dominante social/cultural e historicamente. Nesse sentido os movimentos são transversais, a opressão permanece, e os desafios são constantes. Mas os pobres não se cansam de produzir, de (re)criar maneiras de se desviar do lugar que lhes é determinado pelo centro. Um dos meios de buscar por visibilidade, fazendo com que as capacidades sejam desveladas e os estereótipos desestruturados, é por meio da Literatura.

Segundo indicam o pós-estruturalismo e os estudos culturais, a crítica literária deve estar voltada para a influência de pontos diversos de ordem social, política, cultural, enfim, de segmentos plurais no texto literário, para que este seja compreendido de maneira mais eficaz, ou seja, para que se verifique o que o texto contemporâneo traz de ruptura, e também de continuidade, de valores e categorias tradicionais. Dessa maneira, é possível observar, com maior clareza, a influência que a escrita pós-autônoma (LUDMER, 2007) recebe e transmite para/das estruturas sociais e literárias.

Dentre os escritores atuais, Conceição Evaristo com o conto “Duzu-Querença”, através da história de partilha de dores e alegrias entre as personagens pobres, negras, e subalternizadas, personificadas, principalmente, nas protagonistas, Duzu e Querença, faz com que as potências e os feitos dos muitos “ex-cêntricos” sejam desveladas. Dessa forma, essas personagens resultam em uma figura do pobre como um sujeito desviante e potente.

No conto evaristiano avó (Duzu) e neta (Querença) encarnam uma espécie de continuidade subjetiva do grupo a que pertencem, através do diálogo com as demais personagens da narrativa e com as muitas histórias destes. As duas mulheres estabelecem, assim, uma “memória coletiva dos pobres” como um espaço de lutas, potencialidades ativas e singularidades.

Destarte, procuramos, por meio do conto “Duzu-Querença”, refletir acerca da figura do pobre na Literatura Brasileira Contemporânea. E investigar de que forma as personagens, por meio de trajetórias singulares, configuram uma espécie de memória coletiva dos marginalizados/pobres, que se entrecruza com pontos como a ancestralidade e a “comunidade”, resultando em uma personificação do *devoir-nós dos pobres* na personagem Querença, pertencente ao conto em questão.

Com base nos estudos de Bauman (2003), Souza (2009), Hardt e Negri (2001), etc, a respeito das configurações sociais que se estabelecem em torno do sujeito pobre nos espaços “reais” de convivência humana na sociedade, bem como, nos estudos sobre a Literatura Contemporânea de Dalgastagnè (2012), Ludmer (2007), e Hutcheon (1991). E, principalmente, no conceito de “Literatura de Multidão”, de Justino (2015), almejamos compreender qual o papel desempenhado pelas personagens do conto evaristiano para a semiotização dos muitos marginalizados na Literatura Brasileira Contemporânea, e como se processa/configura essa ação.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: refletiremos a respeito da relação entre Literatura e sociedade, no tópico 1 “Subjetividade e competência (re)criadora: o pobre no Brasil contemporâneo”, enquanto que no ponto 2 “Literatura brasileira contemporânea: a questão do excluído e a quebra do silêncio” compreenderemos como se apresentam as questões de ordem social/cultural na produção literária atual. Já no terceiro tópico, investigaremos como os elementos discutidos nos momentos anteriores se configuram na escrita de Conceição Evaristo, especificamente no conto “Duzu-Querença”.

1. Subjetividade e competência (re)criadora: o pobre no Brasil contemporâneo

Na hierarquia social, embora este seja um espaço bem mais indefinido e plural/multicultural atualmente, as pessoas ainda se dividem entre os que pertencem ao *centro*, que detêm o domínio sobre os outros grupos, tidos como legítimos, e os que se encontram à margem desse *centro*, chamados, dessa maneira, de minorias étnicas, de gênero, de geração, de classe, etc, em virtude de sua situação econômica/social ou cultural. A divisão da sociedade entre “maioria” e “minorias” se faz por um critério próprio dos grupos dominantes, que dizem como e quem são, e relacionam sua superioridade, sua “homogeneidade”, à inferioridade moral e cultural de grupos diferentes daquele padrão, para validar ou classificar as pessoas em uma escala. A própria definição de “minorias” é realizada pelos grupos hegemônicos, como lembra Bauman (2003),

“Minorias étnicas” é uma rubrica sob a qual se escondem ou são escondidas entidades sociais de tipos diferentes, e o que as faz

diferente raramente é explicitado. As diferenças não derivam dos atributos da minoria em questão, e ainda menos de qualquer estratégia que os membros da minoria possam assumir. As diferenças derivam do contexto social em que se constituíram como tais: da natureza daquela atribuição forçada que os levou a imposição de limites. A natureza da sociedade maior deixa sua marca indelével em cada uma de suas partes. (p. 83)

Esses grupos minoritários, chamados por Jessé de Souza (2009) de “ralé estrutural”, não são apenas desprovidos de bens econômicos, também têm seu acesso negado a esses bens, ou seja, eles não podem obter esses objetos, porque não possuem os meios para tal, seja a instrução escolar, seja um ambiente familiar que os conduza adequadamente ao mercado capitalista, em que vence o mais competitivo.

À medida que são excluídas do centro, essas pessoas são tidas não como um grupo legítimo, mas como um “amontoado de seres homogêneos”, iguais entre si, desprovidos de capacidade produtiva e de condições de progredir, e, portanto, relegados a espaços subalternos. Falsamente os grupos de referência tentam fazer crer que tal desigualdade se dá não por questões de ordem externa, mas pela própria inferioridade intelectual ou moral daquele grupo. Nesse sentido,

Essa classe social, que é sempre esquecida enquanto uma classe com uma gênese e um destino comum, só é percebida no debate público como um conjunto de “indivíduos” carentes ou perigosos, tratados fragmentariamente por temas de discussão superficiais, dado que nunca chegam sequer a nomear o problema real, tais como “violência”, “segurança pública”, “problema da escola pública”, “carência da saúde pública”, “combate à fome” etc. (SOUZA, 2009, p.21).

Dentro desse grupo de sujeitos “carentes ou perigosos”, as singularidades de cada integrante são despercebidas ou silenciadas, passando-se a compreendê-los como estando todos nas mesmas condições de vida e partilhando os mesmos pensamentos, ações e identidades coletivas, assim, não se fala na diversidade cultural e subjetiva que essa classe encerra.

É assim que, o homem (branco, adulto, heterossexual, cisgênero) ainda goza de maiores privilégios na sociedade, que os demais integrantes da “ralé”. Evidentemente, essa hegemonia masculina está bem mais tênue, ou mascarada, que outrora, uma vez que, superficial e erroneamente, se acredita que igualdade de gênero, “raça”/etnia e as questões de cunho sexual não são significativas para a condição de exclusão em que vivem esses sujeitos. É apenas para o lado financeiro que se dirigem os olhares internos

e externos, esquecendo as culturas e a pluralidade de indivíduos que constituem os marginalizados.

Dessa maneira, dentre a população ex-cêntrica encontra-se segmentos mais marginalizados que outros, como as mulheres, os idosos, os negros, e os jovens, estes sempre se viram e foram vistos como “um futuro melhor para o país”, ou seja, como seres em formação que deveriam vir a se tornar adultos mais capazes ou autônomos que os do presente. A figura da criança/adolescente é vista, assim, como um devir-adulto, ou seja, como um ser que só se constituirá sujeito na fase adulta, estando no estágio atual em processo de formação intelectual e moral. Nesse sentido, a infância/juventude não é o centro das atenções sociais, mas o plano de fundo, o espaço de quarentena, em que os seres estão construindo suas subjetividades.

Assim, aos muitos situados nas bases da pirâmide social, jovens, mulheres, negros, pobres, etc, só resta, quando muito, uso de uma liberdade relativa. Os pobres foram compelidos a se juntarem em favelas ou guetos, nos quais os movimentos externos e, também, internos geram confrontos entre os moradores, ocasionando insegurança, em consequência da violência, e restringindo o trânsito a espaços mínimos dentro do domínio dos seus, assim, oprimindo as potencialidades de seus integrantes. Tal configuração, por exemplo, foi o que ocorreu nas guerras entre facções nas favelas brasileiras.

Os excluídos são geralmente vistos como uma coletividade negativa. Sob este aspecto, todo excluído é uma espécie de pobre, uma vez que ambos possuem uma imagem que gira em torno de uma forma de vida entendida como precária e inferior. Dessa forma, o pobre é uma figura que semiotiza os muitos marginalizados no meio social, uma vez que comporta todas as categorias periféricas, como os negros, os homossexuais, e as mulheres, por exemplo. Nesse sentido, o pobre como configuração dos excluídos permanece vivo e forte independente das adversidades enfrentadas por seus integrantes, de acordo com as singularidades de cada um. Assim, é o pobre “a figura de um sujeito transversal, onipresente, diferente e móvel; um atestado do irreprimível caráter aleatório da existência.” (HARDT; NEGRI, 2001, p. 174).

O pobre personifica uma possibilidade revolucionária na sociedade, como um profeta que vem apontar e tornar “real” a concretização de novas formas de vida/convivência na humanidade. O pobre, ainda que subalternizado, é pulsante em força ativa, é vivaz, é ação, é produção (transversal), é (re)criação. Ele produz de maneira livre, não só fabrica bens materiais, não apenas colabora com o acúmulo de

capital, mas também (re)inventa a cultura, a política, a arte, representa mais que força de trabalho: ele é devir-mundo, possibilidade de melhoria, de igualdade na diversidade, de mudança.

Entretanto, à medida que o centro busca se firmar, ele procura soterrar/apagar as singularidades dos sujeitos que pertencem aos pontos periféricos. Contudo, essa ação nunca é completa, uma vez que as potências e subjetividades dos excluídos vazam para além do controle da ordem. Contra essa força centrípeta do centro, os marginalizados, no lugar de passarem a se sentir impotentes ou imobilizados em sua situação de exclusão, não deixam de querer, de lutar e, por caminhos alternativos, de atingir seus objetivos.

A luta pela sobrevivência, e pelo sonho de viver, muitas vezes é mascarada/soterrada por um discurso que, com vistas à manutenção das desigualdades existentes, afirma ser a situação de precariedade em que os pobres se encontram um desejo deles, como se fosse parte da tradição dessas pessoas o viver de maneiras sub-humanas, defendendo que àqueles marginalizados que quiserem sair de sua zona de subalternidade basta apenas o esforço individual (meritocracia). Esse fenômeno está associado ao novo multiculturalismo, resultando em uma condição em que,

O antigo e arrogante hábito de explicar a desigualdade por uma inferioridade inata de certas raças foi substituído por uma representação aparentemente compassiva das condições humanas brutalmente desiguais como direito inalienável de toda comunidade à sua forma preferida de viver. (BAUMAN, 2003, p. 98).

São esses “indesejados”, que passam a possuir mais facilmente o sentimento de “comunitarismo”, uma vez que lhes foi negado o acesso ao padrão/corpo social/cultural/político hegemônico, “procurar abrigo na suposta “fraternidade” do grupo nativo é sua única opção” (BAUMAN, 2003, p. 87). Desta forma, o “espírito comunitário” procura a obtenção do bem e direito coletivos, abrindo espaço para a obtenção de coisas dantes negadas ao grupo, ou mesmo, garantindo que a cultura local, e a identidade individual, não será apagada/enfraquecida ou mesmo silenciada.

2. Literatura brasileira contemporânea: a questão do excluído e a quebra do silêncio

Ao refletir sobre os escritos contemporâneos que se passam em ambientes urbanos, Ludmer (2007) observa como esses locais marcam a identidade dos sujeitos e como algumas obras possuem a capacidade de “fabricar um presente”, desconsiderado se esses textos são ou não ficção. É assim que essas novas escritas ultrapassam os limites da literatura e da ficção, porque “reformulam a categoria da realidade” (p.02) e apresentam o cotidiano de/ao seus leitores por meio das letras, sem deixar de possuir um cunho crítico e reflexivo.

Esse cotidiano não é formado apenas por simples acontecimentos do dia-a-dia, também envolve o contato do ser humano com os meios tecnológicos, televisão, internet, cinema, etc, e configura uma nova ficção, ou “ficções do presente”. Nesse sentido, na fábrica cotidiana do presente as pessoas, em qualquer faixa-etária, ainda buscam o Outro, ou aqueles que fazem/fizeram parte de suas histórias para se afirmarem enquanto sujeitos, como ressalta Pais (*apud* ALMEIDA; EUGÊNIO, 2008, p.18), elas se encontram em um processo de “*buscas de si através o outro*”.

Em busca de quebrar os estereótipos que prendem as “minorias” ao lugar da improdutividade, impessoalidade e inferioridade, os escritos de grupos marginalizados vêm ganhando espaço no meio literário, trazendo uma visão da periferia por via do próprio marginal, dando voz aos grupos excluídos socialmente. Essa visibilidade do personagem periférico na obra literária não ocorre só no âmbito textual, mas entrecruzam fatores como narrador e contexto social.

Por essa razão os críticos literários afirmam haver uma dificuldade em definir o que Dalgastagnè (2012) chama de *o lugar da fala*, ou seja, saber quem fala e em nome de quem fala, tendo em vista a multiplicidade de vozes no texto contemporâneo, muitas delas periféricas, com personagens/narradores e autores pertencentes aos muitos subalternizados apresentando a capacidade/potência, a subjetividade, e as singularidades plurais daqueles outrora silenciados.

Toda cultura, e por extensão a produção literária, merece ser observada não como um corpo fechado e homogêneo, no qual pessoas/personagens iguais compartilham o mesmo momento/sentimento, mas sim como um espaço de trocas, de copertencimento, em que se desenvolve um conjunto de práticas em comum, embora não necessariamente as mesmas, e que se configura através de um diálogo com outras

culturas/produções. Tendo em vista que em grupos ou comunidades culturais, cada sujeito, possui sua singularidade e personalidade, existem também especificidades de uma prática cultural para outra.

É preciso ressaltar que entre singularidade e individualidade há uma diferença significativa, tendo em vista que a segunda se associa a um sujeito com uma identidade única/substancial em relação a uma realidade transcendente, ao passo que a primeira pressupõe um ser que se constrói em um processo interpessoal e intercultural, em estado de alteridade. Conforme lembra Antônio Negri (*apud* JUSTINO, 2015, p. 165) “a singularidade é o homem que vive na relação com o outro. Sem o outro ele não existe em si mesmo”.

Dessa maneira, a crítica literária/social deve atender a uma visão de interculturalidade, em que se respeite e valorize cada diferença de maneira igualitária, ou seja, sem hierarquias, pensando não só nas relações externas, mas também internas de cada segmento cultural. Esse espaço comum em que as pessoas partilham momentos e sensações, não é a princípio comunitário, uma vez que cada um está em processo de produção particular, contudo, essas produções acabam por (re)unir situ(ações) comuns na vida coletiva.

Narrativas de diversas ordens afloram na contemporaneidade, trazendo vozes que outrora foram caladas e esquecidas pelos degraus/distâncias que ordenavam os sujeitos do mais forte para o mais “fraco”, ou desprivilegiado, na pirâmide social/cultural/política. São essas escritas que semiotizam os muitos pobres/excluídos do planeta que Justino (2015, p. 131) denomina “Literatura de multidão”: “Chamo-as literatura de multidão porque têm em comum serem narrativas que multiplicam o número de personagens na trama semiotizando uma “quantidade infinita de encontros”, de ações que potencializam contatos”.

Os contatos entre a multidão ocorrem de maneira frenética, simultânea, atemporal, caótica, em decorrência da característica inconstante da sociedade contemporânea. É nesse campo de diálogo rápido, mas não menos significativo, que ao estabelecermos uma interação com sujeitos de culturas diferentes ou iguais a nossa percebemos que este outro “não traz para o diálogo apenas abstratamente sua cultura, mas seu modo de viver o presente, de lidar com os seus mortos e com suas tradições vivas, seus projetos para o amanhã.” (JUSTINO, 2015, p.116).

Na narrativa brasileira contemporânea se apresenta a vida e a subjetividade de muitos, que constituem a multidão, cada um com sua singularidade e identidade e todos

trabalhando, produzindo para si e conseqüentemente para o próximo, à medida que desenvolvem experiências de interesse/valor coletivo, não de um modo comunitário, no sentido de militância social, e sim de uma forma que afirma a possibilidade de produção, a potência dos pobres, em contraposição à estereotipação e subalternização legada a eles no discurso social vigente.

Na ficção e na sociedade brasileira contemporânea encontramos sujeitos(as) em atividade de intercompreensão, em busca de conhecerem a si próprios e ao ambiente/pessoas que o circundam. Todavia, não se trata de um estado de imobilidade e inércia, ou uma espécie de estado psicológico, mas sim de um constante e literal movimento de afirmar-se no/pelo outro, comprimindo os níveis espaço-temporais, para adentrar no presente e refletir acerca das subjetividades nos planos político, social e cultural. É, assim, que essa “tradução” do ser “eu”, do devir-nós, “não restitui um passado situado lá atrás, cujo único lugar na vida prática é o do museu; restitui sim um passado vivo capaz de gerir ou potencializar o futuro a curto prazo.” (JUSTINO, 2015, p.116).

O local/espço dos indivíduos os direciona a assumir uma postura identitária frente às relações sociais por eles estabelecidas, dentro e, principalmente, fora do grupo em que estão inseridos, seja outra coletividade “minoritária”, ou mesmo o centro dominante. Deste modo, a memória de uma “comunidade” se ancora não em uma base homogênea, única, mas em diferentes atividades, processos particulares vivenciados por sujeitos singulares, em exercício de interação com aqueles que se inserem em um mesmo ou em diferentes grupos. É assim que a produção literária brasileira na atualidade, como lembra Hutcheon (1991), surge como um meio de questionamento de valores, a exemplo de “autonomia, transcendência, certeza, sistema, universalização, centro, continuidade, teologia, fechamento, hierarquia, homogeneidade, exclusividade, origem.” (p.84).

Na Literatura canônica, ao longo do tempo, o lugar destinado às “minorias” sociais foi, em sua maioria, secundário, como parte integrante do plano de fundo da narrativa, e subalternizada, como pessoas despossuídas de subjetividade e capacidade produtiva significativa. É neste limiar que surge o texto brasileiro contemporâneo e subverte a ordem dominante, ao mesmo tempo em que se adequa a ela de maneira a demonstrar que ainda na anonimidade do povo, ou melhor, na multiplicidade da multidão, as personagens são dotadas de potências e capazes de trazer uma significância

primordial à obra literária, sem a qual o texto perderia seu sentido e aporte crítico social/literário.

As personagens/pessoas ex-cêntricas procuram mostrar suas potências e significação social em meio a um centro excludente e estigmatizador, se apresentam tanto na sociedade como na ficção, como um elemento desestruturador do sistema patriarcalista. Para compreendermos a configuração desses sujeitos ex-cêntricos,

É para a década de 60 que nos devemos voltar se quisermos encontrar as raízes dessa mudança, pois foi nesses anos que ocorreu o registro, na história (Gutman [*sic*] 1981, 554) de grupos anteriormente “silenciosos” definidos por diferenças de raça, sexo, preferências sexuais, identidades étnicas, status pátrio e classe. Nas décadas de 70 e 80 houve o registro cada vez mais rápido e completo desses mesmos ex-cêntricos no discurso teórico e na prática artísticas, pois o andro-(falo-), hetero-, euro-, e etnocentrismo foram imensamente desafiados. (HUTCHEON, 1991, p.89)

Na luta pelos seus direitos e o reconhecimento de seus potenciais, os grupos marginalizados investiram em um movimento de contracultura e também (re)significaram as suas identidades grupais, passando a se entender de uma forma mais empoderada. Para os ex-cêntricos, a subjetividade não se constrói a partir de valores eternos e universais, mas se constitui de múltiplas experiências do sujeito com as instituições, os discursos, e em relações interpessoais, que significam/valoram aos acontecimentos da sociedade e o próprio ser humano.

Nesse sentido, a literatura atual anuncia uma nova fase, o fim de uma hegemonia literária, em que o texto bastava a si mesmo, se auto significando e produzindo sentidos por si só. Atualmente a literatura está muito envolvida com as outras áreas do saber, de modo que não há como separar ou identificar o que é unicamente do campo literário ou o que é de ordem diversa, assim como “termina a diferenciação entre realidade (histórica) e ficção.” (LUDMER, 2007, p.3).

Mais do que sujeitos metafísicos, homogêneos e estáveis, como era comum no modelo biográfico iluminista do século XVIII, as personagens na literatura brasileira contemporânea mostram-se sujeitos(as) heterogêneos(as), não apenas falando em subjetividade coletiva, mas ao se observar que a própria subjetividade particular delas é singular, por ser resultado das trocas que elas(personagens), enquanto sujeitas sociais e

históricas, estabelecem com os outros ao seu redor, produzindo-se identidades multifacetadas.

3. Querer-poder: a possibilidade de vida em Duzu-Querença

No conto Duzu-Querença, publicado pela primeira vez em 1993, no periódico “Cadernos negros”, nº16, e novamente apresentado na obra “Olhos d’água”, já em 2014, Conceição Evaristo reúne na trajetória de uma avó e de sua neta as potências, as memórias, e o devir de muitos negros pobres moradores do Brasil contemporâneo.

A primeira história narrada é a de Duzu, uma menina de família pobre do interior brasileiro que vai para a cidade em busca de realizar o sonho de estudar e, dessa forma, ter um futuro ou uma situação financeira melhor que a de seus antecessores. Adentra na cidade como empregada doméstica, ainda criança, entretanto, a patroa que lhe prometera auxiliar nos estudos se trata na verdade de uma cafetina, e a casa para onde a garota vai é um prostíbulo.

Dessa forma Duzu começa a sua vida sexual como prostituta e tem muitos filhos (nove), sem que se apresente uma figura paterna na narrativa. Os filhos da mendiga, esse é seu posto “final” no conto, estão, como ela mesma lembra, “espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade” (EVARISTO, 2014, p. 34). E muitos têm destinos semelhantes ao da mãe, são sujeitos fora do centro legitimado/valorizado.

Entre os netos, Duzu demonstra mais proximidade e afeição com três deles: Tátito, um garoto que se envolve com o mundo do crime; Angélico, também um “menino” que procura meios ilícitos de “fazer justiça”, embora possua uma característica, a transgeneridade, mais complexa que Tátito, em decorrência do seu estar/incluir no mundo; e Querença, uma menina sonhadora e batalhadora que, por meio do estudo, procura garantir direitos e visibilidade aos seus, ou seja, ao grupo marginalizado no qual se insere.

Ao longo da narrativa, Querença se sobressai em relação aos outros netos de Duzu e também aos muitos de sua comunidade. Este fato deve-se a atividade comunitária que a menina desempenha e a projeção que a avó faz dos seus sonhos e do desejo de felicidade do seu grupo na figura de Querença, que passa a ser vista e a entender-se, através da história da avó e dos descendentes/pobres.

Desta feita, procuramos através das discussões realizadas nos tópicos anteriores compreender que tipo de configuração esta narrativa encerra a respeito do

pobre/marginalizado, para que se possa entender aspectos inerentes à semiotização dos ex-cêntricos, aqueles que estão fora do espaço hegemônico social/cultural, na literatura contemporânea, ou, como lembra Ludmer(2007), “pós-autônoma” brasileira.

3.1 Duzu-Querença e a literatura pós-autônoma

No início da narrativa somos confrontados com a imagem de uma mendiga faminta e debilitada a lambem os dedos sujos de comida sentada na calçada de uma igreja. A comida real logo se mistura à imaginária e juntas satisfazem o desejo de alimento daquela mulher, em um movimento que preludia, como uma profecia/sinal, conforme indicaram Hardt e Negri (2001), que ela não só tem fome de comida, mas de sonhos, de vida. Assim, “Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou desse sonho, arrotou satisfeita.” (EVARISTO, 2014, p.31).

Ao saciar-se com essa experiência intermediária entre o “real” e o “abstrato”, Duzu, já idosa, mostra como os sonhos sempre estão presentes em sua jornada, como eles ainda são fundamentais para o seu futuro, e que não se concretizarão por/para ela, mas em sua descendência. Os próximos reunirão em seu caminhar todos os desejos dos que partilham desse alimento abundante em vazio, desse querer, em um espaço em que se os empecilhos dificultam a caminhada, ou “se as pernas não andam, é preciso ter asas para voar.” (EVARISTO, 2014, p.32).

A família de Duzu, e conseqüentemente de Querença, vai ser sempre apresentada como um grupo de pessoas que partilharam dores, alegrias e sonhos, que produzem a todo tempo, seja coisas simples, em seus postos de trabalho(subalterno), seja uma produção mais ativa/significativa como a de Querença, que procura conhecer-se através dos seus semelhantes e trabalha na comunidade com vistas ao letramento e a construção da cidadania de seus integrantes, unidos principalmente pela dor. Conforme reflete Bauman (2003), essas personagens acabam por adquirir um sentimento de “comunitarismo”, buscando no seio da multidão/coletividade a razão e a força para seguir lutando.

A memória de Duzu é um local de sonhos e tristezas, de alegrias e decepções. É no limiar de sua vivência que ela recorda como o sonho alimentou a ela e aos seus. Contudo, não se trata de uma relação comunitária em si, assim como adverte Justino (2015). A mendiga reúne dores e alegrias (com)partilhadas por muitos pobres

brasileiros e personagens da narrativa, embora não sejam necessariamente as mesmas sensações, tendo em vista as especificidades de cada sujeito. O que se nota é que a maioria desses *muitos* busca sempre acreditar que no futuro as dores, constantes, serão menos atroztes ante as novas conquistas,

Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã. O pai de Duzu tinha nos atos a marca da esperança. (EVARISTO, 2014, p.32).

A oportunidade de estudar aparece como uma chance de se trilhar novos caminhos. É esse o desejo de Duzu quando criança, vontade também do pai dela, como se ao entrar para a escola a menina pudesse levar consigo o seu povo para uma nova jornada, onde as dores seriam aplacadas pelas conquistas de espaço e reconhecimento no meio social, resultando em uma memória do presente mais cheia de vida e alegria. Tal como ressalta Ludmer (2007), nessa “fábrica cotidiana do presente” as personagens procuram trabalhar para a construção de um espaço cada vez mais valorizado e igualitário, não hierárquico, resultando no exercício “livre” da diversidade, com respeito às singularidades de cada indivíduo.

Duzu acaba indo para um prostíbulo ao invés de ir para a escola enganada por uma promessa de trabalho doméstico e auxílio nos estudos, como deve ter acontecido também com seus ancestrais. A menina em sua inocência demora a perceber o ambiente em que está,

Duzu ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas. Gostava de ficar olhando para o rosto delas. Elas passavam muitas coisas no rosto e na boca. Ficavam mais bonitas ainda. Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também que fazia a limpeza dos quartos. A senhora tinha explicado a Duzu que batesse nas portas sempre. Batesse forte e esperasse o pode entrar. Um dia Duzu esqueceu e foi entrando. A moça do quarto estava dormindo. Em cima dela dormia um homem. Duzu ficou confusa: porque aquele homem dormia em cima da moça?(EVARISTO, 2014, p. 32-33)

Tal fato, a desorientação da menina remete ao estado inicial de estaticidade/choque dos ex-cêntricos ao se depararem em postos subalternos, assim

como a posterior reflexão de Duzu sobre sua vida, também contribui para a compreensão desse processo primário como um instante passageiro de sombra ou falta de consciência dos fatos. Nesse sentido, essa condição de desnorreamento é momentânea em comparação com as horas de consciência crítica e avessa a um tempo de improdutividade. Caracterizando-se, dessa maneira, os marginalizados como seres que produzem ininterruptamente, seja material ou simbolicamente.

É nesse bordel que Duzu inicia sua vida sexual, passando a se prostituir e matando de vez o sonho de estudar, que o pai vislumbrava para ela. Nesse momento ela abandona os planos, ela não vê o que a espera no futuro, pois ao descobrir em que local estava “entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar.” (EVARISTO, 2014, p. 34).

O fato de Duzu não ver mais os pais representa mais do que um fato cotidiano/concreto, ele simboliza o afastamento de Duzu de seus ancestrais, a negação da possibilidade de êxito na trajetória dos muitos pertencentes à sua etnia. Configura-se, assim, uma repetição do estado subalterno e marginal da mulher negra e por extensão dos próprios negros que partilham dessas experiências em comum.

O estado subalterno em que a menina se encontra não faz com que ela pare de querer mudanças, coisas melhores, de maneira que ela não vê motivos para parar de “entrar-entrando”, sonhar-vivendo, e de lutar-silenciando. Enquanto prostituta, e depois como moradora de periferia, e posteriormente mendiga, Duzu configura a pluralidade de posições/papeis sociais em que muitos pobres se encontram, e no qual, independente da forma, não deixam de criar, seja na concretude da vida ou no imaginário dos sonhos.

A “escolha” que Duzu faz ainda criança de se prostituir, colocada na narrativa como um ato voluntário, evidentemente não se sustenta como tal, justamente pelo fato de se tratar de uma menina, inicialmente inocente e desamparada, que sai de um mundo de sonhos para uma realidade brutal, e que demonstra não ter uma consciência crítica dos fatos sociais ou do funcionamento das relações interpessoais, sem medir as consequências de seus atos, justamente por não compreendê-los.

Duzu é dessa forma apresentada como aquela criança que ainda é desprovida de uma capacidade “racional”, como um ser que está em processo de construção de sua subjetividade, em “estado de quarentena”, mas que tem que tomar “decisões” que afetarão o curso de sua história. Ela resolve se sujeitar pacificamente às condições que

lhes foram impostas, como era a “melhor opção”, tendo em vista que lhe parecia o único caminho possível naquele momento.

E levada pelos fatos da vida Duzu “não sabia ainda o ritmo do corpo, mas rápida e instintivamente, aprendeu a dançar” (EVARISTO, 2014, p. 33). A garota se vê em um prostíbulo e se adapta ao ambiente, mas não de maneira simples. Na narrativa evaristiana, a entrega de Duzu é tanto poética, no uso artístico da linguagem em si, quanto prática subversiva, já que ela aprende a dançar, a usar o corpo com arte, ou seja, a trilhar por caminhos transversais o espaço da prostituição.

Nesse sentido, Duzu semiotiza a mulher negra, violada, enganada, subalternizada, explorada, a quem os sonhos são negados, a voz silenciada e o discurso de uma aceitação/escolha de um estado de inferioridade é imperativo. Mas, em meio a esse ambiente opressor ela revela sua capacidade de subverter os fatos, e encontrar uma forma alternativa, em que sua potencialidade continue pulsante e em constante progresso.

3.2 Duzu-Querença e a exclusão do ex-cêntrico

Nos tempos em que se prostituiu Duzu engravidou, “Os filhos de Duzu foram muitos. Nove. Estavam espalhados pelos morros, pelas zonas e pela cidade. Todos os filhos tiveram filhos. Nunca menos de dois” (EVARISTO, 2014, p. 34), e seus filhos se criaram como ela, sem lar, sem figuras familiares presentes cotidianamente. Tiveram que aprender a viver cedo, conheceram o vício, o sexo, o crime, a bondade, o amor, o ódio, o preconceito, e o legado de alegrias e dores que os antepassados lhes deixaram, e que têm na mãe sua maior representante.

Há dessa maneira uma associação (in)direta entre Duzu mãe e a própria África, no sentido de que ela enquanto mulher, e a figura do continente africano, tradicionalmente associado ao berço, à mãe dos africanos, teriam dado origem a muitos, que se encontram espalhados pelo mundo, como os filhos de Duzu, que estão em todos os cantos e possuem muitos filhos, como uma linhagem, um grupo étnico, assim como os vários grupos étnicos existentes atualmente identificados com sua mãe/origem africana, por conseguinte, associados à marginalidade/subalternidade, independente de sua condição social. E dessa forma, a mulher uma figura que configura uma imagem maternal, protetora, uma personificação da Memória de seu grupo.

Sabe-se que a maioria dos negros brasileiros é pobre. E é exatamente sobre as personagens com essas características que o conto se detém. Duzu-Querença é, assim, uma reflexão literária sobre o ser negra, pobre, favelada, e mulher no Brasil contemporâneo. Um percurso que se inicia na infância e vai até a velhice, culminado na morte, bem expressa no final da narrativa, embora o fim do conto não signifique o término da trajetória de Duzu-Querença.

A princípio, o conto apresenta uma situação geral, como uma memória coletiva de um grupo de pessoas unidas por experiências dolorosas, causadas pela exclusão que lhes foi dirigida inicialmente por razões étnico, religiosas, sociais, etc. Condição que se mantém com maior intensidade naqueles grupos que hoje dispõem de baixas condições financeiras, conseqüentemente com pouca oportunidade de sair desse espaço de marginalidade ou mesmo de obter a valorização de suas culturas e ambientes, ao ponto de poder escolher livremente se permanecem no local em que se encontram, ou se trilham novos caminhos de acordo com seus intentos individuais, embora não estejam em nenhum momento em estado de inatividade.

Há inicialmente um silenciamento, parcial/superficial das singularidades dos sujeitos que constituem essa narrativa, mas em um olhar mais apurado pode-se perceber que a trajetória de Duzu-Querença se apresentou bem mais coletiva/singular, constituída por experiências vivenciadas em processos de trocas ou compartilhamentos com os seus, do que individual, segundo a definição de Antônio Negri. Evidenciando-se, assim, a pluralidade de experiências cotidianas de uma multidão de seres ex-cêntricos, que buscam, sem poder econômico, (sobre)viver em uma sociedade capitalista subvertendo a lógica dominante.

As personagens, que apresentam a descendência de Duzu, mostram como as questões de etnia, de gênero, de sexualidade, financeira, e social são de enorme significação e influência sobre o visível estado de subalternidade dos muitos pobres que integram a multidão contemporânea brasileira,

Dentre os seus netos três marcavam assento maior em seu coração. Três netos lhe abrandavam os dias. Angélico, que chorava porque não gostava de ser homem. Queria ser guarda penitenciário para poder dar fuga ao pai. Tátito, que não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...(EVARISTO, 2014, p.34)

Nesses novos personagens aparecem as questões de ordem pessoal que implicam diferentes caminhos e consequências na trajetória dos sujeitos, dentro e fora do meio social em que vivem. Contudo, as personagens, neste ponto da narrativa, ainda permanecem em um espaço de exclusão e estigmatização. Estado contra o qual procuram desvencilhar-se de maneira mais ativa que o movimento feito por Duzu, que encontrava formas mais discretas/anônimas de se desviar do “jugo” dominante.

Seja de uma forma sistemática, com ações sociais, seja no âmbito individual, com ações isoladas, mas que somadas a outras representam um ganho, esses sujeitos estão sempre visando desestruturar o *centro*. Dessa forma, os pobres, no conto em questão, estão sempre procurando e encontrando um escape da condição subalterna.

Os três netos por quem Duzu nutre maior afeição, a retiram do estado anterior de similitude com a mãe marginalizada em geral, uma mãe pobre que cultivava amor em forma de esperança entre seus filhos, e lhe colocam como uma mãe específica, a ancestral de Angélico, Tátito e Querença. Os três netos são apresentados como sujeitos singulares, com dilemas pessoais, de abrangência íntima e familiar, constituídos por meio de relações interpessoais.

Angélico é uma menina transgênera, que direciona seus objetivos profissionais para uma carreira que só lhe aponta de benefício a “liberdade”, ou fuga, do pai que encontra-se preso. Ela procura uma maneira oblíqua de conseguir fugir do domínio exercido sobre si e seus familiares. O desejo de libertar o pai por meio de um ato ilícito revela a dificuldade de por meios legais os excluídos conseguirem realizar os objetivos almejados. Tal passagem indica, assim, os movimentos na ilegalidade que muitos sujeitos periféricos realizam, em decorrência da complexidade da condição em que vivem.

Tátito, também, não buscava sair do espaço de exclusão, ou mesmo adquirir privilégios/status social, ele tentava apenas sobreviver com o mínimo de conforto em sua comunidade, assim, une-se a um grupo de garotos que por meio da violência/assaltos e da venda de drogas tentam sobreviver à fome, seja de alimento ou de bens materiais. Como ocorre geralmente com os garotos no território da ilegalidade, Tátito acaba sendo assassinado, não por policiais, mas por um grupo inimigo, o que não significa a inocência do primeiro, mas o cerco de perigo que envolve os jovens pobres por todos os lados.

A tristeza da morte de Tátito leva (mentalmente) Duzu de volta ao morro, indo ao encontro do delírio, como uma forma de anestesiar a dor da perda, do neto e de

muitos, assim como muitas mães que perdem seus filhos para o crime. E “no sonho que se perdeu”¹ Duzu passeou alegre por entre roupas estendidas no varal de sua antiga casa na favela, por entre as lembranças de sua gente, e sentiu-se como um pássaro a sobrevoar as memórias dos seus, da cidade, do morro, etc, e lembrou-se que,

Estava chegando uma época em que sofrer era proibido. Mesmo com toda a dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval.(EVARISTO, 2014, p.35)

No carnaval, e em muitos outros momentos, os pobres, na narrativa evaristiana, encontram formas de “entorpecer a dor”, produzem e partilham momentos de alegrias. Inclusive através do trabalho cotidiano em cargos pequenos, mas significativos, que ocupam socialmente. Assim, na literatura, na música, nas artes, nas ruas, em toda parte, revelam suas potências, embora não sejam percebidas em meio ao analfabetismo, à desigualdade, ao preconceito, à subalternidade e à marginalidade. Dessa forma, os ex-cêntricos (pro)movem transformações culturais, sociais/interpessoais e políticas.

3.3 Duzu-Querença e a potência dos pobres

A multidão não é composta por indivíduos homogêneos, ao contrário, ela existe e persiste como um resultado da união de várias singularidades, de uma pluralidade/heterogeneidade de pessoas em estado constante de produção e interação, como enfatiza Justino (2015). Tal conjuntura emerge com mais intensidade na continuação do texto evaristiano, tendo Querença, neta de Duzu, desta vez como o signo, por excelência, da diversidade e das subjetividades individuais que constituem esse coletivo.

É Querença, no texto literário em estudo, quem semiotiza os muitos pobres que estão em processo de produção e transformação social. Ela que retoma/revive os sonhos de muitos que já se foram e não conseguiram alcançar seus objetivos. Ela que faz parte daqueles que hoje lutam cotidianamente para dignificar o seu espaço de ex-cêntridade

¹ GUIMARAENS, Alphonsus de. Ismália. In: MORICONI, Ítalo. (org). Os cem melhores poemas brasileiros do século. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001, p. 45.

e dar a todos o direito de escolher realmente onde e como viver, o que fazer, por quem/que batalhar.

Em suas utopias Duzu vê em Querença a chance de felicidade dos seus, de perpetuação dos muitos pobres de uma maneira mais livre, sem as amarras da submissão, sem o peso do analfabetismo. Querença está na escola, com uma vida toda pela frente, uma vez que a menina ainda é muito jovem, assim, ela reúne de maneira enérgica/pulsante e nova a força que os seus sempre tiveram para subverter a realidade e transformar o sofrimento em motor de produção de sucessos/êxitos pessoais, que se misturam aos feitos de muitos outros, resultando em uma Memória coletiva perpassada por momentos alegres,

Um companheiro mendigo havia-lhe dito que sua roupa assim tão enfeitada de papéis recortados em forma de estrelas, mais parecia roupa de fada do que de baiana. Duzu reagiu. Quem disse que estrela era só para as fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tátito, para Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer. (EVARISTO, 2014, p. 36)

Estrelas/alegrias, esperanças também eram para pobres como Duzu e os netos. Querença, inclusive pelo nome (querer-Querença), reúne em si os sonhos, as utopias, de todos que lhe cercam, e se encontram à margem como ela. Mais que isso, a pequena também revela a constante produtividade, o trabalho incessante dos pobres pela autonomia, e a indocilidade/incontrolabilidade dos ex-cêntricos.

A menina a partir da morte da avó, desfecho do delírio da mendiga, começa a rememorar seus semelhantes, assim, “buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou assobios do primo Tátito lá fora chamando por ela”. (EVARISTO, 2014, p.36). Querença tem consciência de que por meio dos feitos dela estará encorajando e simbolizando/possibilitando a concretização de muitos sonhos de pessoas pobres como ela. A garota segue os desejos da avó que “havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo.” (EVARISTO, 2014, p.36).

Nesse sentido, ao visibilizar a possibilidade de alegria dos seus, ela se configura, no conto evaristiano como o devir-nós dos pobres, como a personificação da produtividade alegre/reconhecida dos muitos que ainda têm suas vozes e potências silenciadas, mas que trabalham incessantemente para subverter a ordem dominante.

Capacidades e produções esquecidas ou estigmatizadas, mas não inexistentes, os pobres, na narrativa, produzem e demonstram suas habilidades e forças subjetivas a todo

o momento, seja nos delírios de Duzu, na luta com as “armas” que dispõe de Tátito, ou nas ações comunitárias de Querença, que não é só o devir desses muitos marginalizados, é também o seu presente (cri)ativo, tendo em vista que a menina “Estava estudando, ensinando as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação dos Moradores e do Grêmio da escola.”(EVARISTO, 2014, p. 37).

Essa “ralé”, como lembra Jessé de Souza (2009), possui seus sujeitos singulares. Não se trata de um mero aglomerado de pessoas pobres, mas de um grupo legítimo de sujeitos, formado por transgêneros, como Angélico, traficantes/assaltantes como Tátito, estudantes como Querença, mendigas/mulheres como Duzu, entre outros, que se encontram em processo ininterrupto de trocas e interação.

Além disso, ao discorrer sobre questões próprias da vida particular desses sujeitos, ou seja, não limitar a subjetividade das personagens a padrões/estereótipos de gênero, etnia, etc, o conto evaristiano demonstra as especificidades de cada integrante da narrativa, mostrando a pluralidade de questões pessoais e coletivas presentes na multidão de seres periféricos.

Assim, como defendem Hardt e Negri (2001), a menina pobre passa a ser o agente transformador/impulsionador das mudanças em seu meio social. Querença, por meio de um movimento transversal, trabalha visando uma melhoria para a coletividade, mas não sem deixar de possuir sua personalidade própria. Ela demonstra que a sua visão de mundo não é só como uma figura pobre em ascensão, mas é também a menina Querença, que possui suas especificidades.

Contudo, ao interagir com os seus, ela, na busca por uma condição digna de vida, sente-se parte inseparável e significativa da multidão que a envolve. Na hora da morte da avó, em que muitos familiares de longe aparecem, a garota “subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem mesmo conhecera e de quem só ouvira contar histórias.” (EVARISTO, 2014, p.36). São essas histórias e essas pessoas que constituem a singularidade de Querença, são elas que por quem Duzu-Querença não cansa de “entrar-entrando sem saber quando e porque parar.” (EVARISTO, 2014, p. 34).

A menina Querença não deixa de trabalhar mesmo sabendo que ainda não é o suficiente para garantir a extinção do preconceito e da desigualdade que tendem a querer apagar a identidade cultural e subjetiva dos excluídos. A jovem percebe que suas atitudes são menores ainda se comparadas a uma ascensão social, ou seja, a saída dos seus do espaço de subalternidade. Mas no posto ex-cêntrico em que se encontra,

Querença procura tornar visível a capacidade criadora e os feitos significativos da multidão de pobres.

A menina busca as forças para seguir sua jornada na memória de seus antepassados, na figura exemplar da avó, tendo em vista que, “foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como”. (EVARISTO, 2014, p.36-37).

Querença “reinventa” ou atribui um novo percurso não só a vida dos pobres em geral, mas inclusive à própria avó, tendo em vista que a referência às duas mulheres hifenizada já marca/apresenta a forma como a trajetória de Duzu foi transformada/assimilada por Querença. Destarte, é Duzu-Querença a reunião de duas faces do devir-nós dos pobres, a primeira como a força do passado, a segunda como o presente de infinita produção e o futuro de conquistas, e ambas apresentam a potência inabalável e irrefreável dos muitos marginalizados na literatura e na sociedade brasileira.

Duzu se foi, mas Querença ficou como um *devoir do pobre*, do negro, dos excluídos, ficou para (re)inventar a vida, embora os pobres ainda atuem de maneira transversal. Querença semiotiza os muitos pobres na narrativa e faz com que as suas produções e potências sejam vistas na ordem social, e sua imprescindível força produtiva tenha sua significação reconhecida na Memória, não só do seu povo, mas de toda a humanidade.

As lágrimas passadas, assim como as alegrias, servem agora de agente impulsionador de Querença. Toda a trajetória de criação e cultura de sua gente a faz prosseguir sonhando e agindo em prol de uma relação social realmente democrática e da persistência da Memória e dos sonhos dos seus. É com esse sentimento que a menina contempla a cena da avó morta no chão da igreja e, com lágrimas nos olhos, observa que “Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão”. (EVARISTO, 2014, p. 37).

Não é lixo, são histórias, desejos, criações de muitos pobres excluídos e marginalizados, como Duzu-Querença, que mesmo em um ambiente subalterno (chão), produzem suas obras de arte, suas músicas, suas panelas de barro, suas festas de carnaval, seus vestidos de baiana, enfim, seus mistérios. Assim, as personagens do conto evaristiano configuram a potência do pobre no Brasil contemporâneo, e,

subvertendo a lógica do centro, criam, sonham, possuem subjetividades/singularidades e um universo plural, repleto de estrelas/alegrias e originalidade/poder.

4. Considerações finais

Na literatura brasileira contemporânea os pobres/marginalizados, não são apenas personagens, mas autores, narradores da própria história. Essa trajetória se constrói a partir de atos de coragem, de transgressão, de potências que não se deixam abalar pelas opressões e condições impróprias em que se encontram. Os desvios que muitos excluídos fazem para viver, e não simplesmente sobreviver, são efeitos do descentramento do sujeito pós-moderno, e constituem uma subjetividade plural e multisignificativa.

As personagens do conto questionam a ordem dominante, desafiam a homogeneidade do centro e a unicidade do sentido. Tático luta enquanto pode para adquirir o status que lhe é negado. Angélico procura desvencilhar-se do governo hegemônico subvertendo-o. Duzu une sonhos e realidade para alcançar estrelas-alegrias. Querença reivindica, por meio do ensino/escrita, o espaço dos ex-cêntricos nos meios sociais e culturais.

No conto Duzu-Querença Conceição Evaristo semiotiza os muitos pobres do Brasil atual, rememora a luta de vários subalternizados de outrora, e apresenta um devir ainda de lutas, mas repleto de esperanças e chances significativas de alegria/êxito. As personagens da narrativa, não só Duzu e Querença, mas também todas as secundárias, “presentificam” a memória de estrelas-alegrias e lágrimas-dores de uma multidão de personagens que partilham experiências e sentimentos de criações/produções e vivências transversais, constantemente fazendo um movimento de “entrar-entrando, sem saber quando e porque parar” (EVARISTO, 2014, P. 34).

Não tem porque parar e os pobres não vão parar, vão continuar dando visibilidade à suas potencialidades e produzindo, na literatura, em todas as outras artes e na vida prática, espalhados por toda cidade/mundo, como os filhos de Duzu. O conto em questão é um exemplo da configuração desses sujeitos na literatura/sociedade. Dessa forma, em toda a Literatura, além das personagens, semiotizados pelo narrador, pelo eu-lírico, pelo artista, e pelo contexto social-cultural de produção, os ex-cêntricos mostram suas potências.

Nesse sentido, cabe à crítica literária refletir sobre essas novas configurações a partir de modos de leitura atualizados, adequados às especificidades da produção contemporânea. Os (des)caminhos ainda são muitos, os sentidos se encontram fragmentados/multiplicados, o significante e o significado possuem uma relação bem mais complexa que antes, e a própria Literatura está se transformando em decorrência dessas novas personagens-problematizações.

ABSTRACT

In the contemporary Brazilian literature the voice of the subject "ex-centric", those who were excluded by the holder of power center, echo and reveal their capabilities (cri) active, deviant and even revolutionary. The categories of class, gender, ethnicity, among others, that were silenced and went unnoticed by / in social discourse, and were not challenged in Literary Criticism, are made increasingly visible and problematizing the patriarchal-capitalist system in which they operate. It is the literature of the many ways those marginalized are used to enter the space of domination and subvert order. The paths of these characters are still perpassados by many values and influences the center. However, by cross paths they work, produce and (re) create ways to live more dignified and meaningful way. Among many poor characters are presented as a figure semiotizing many "peripheral" in view of the amplitude groups / people and cultures in which aggregates subjectivity. Among contemporary writers who feature in their texts a configuration with the exception of autonomous and deviant subjects is Conceição Evaristo. Thus, we look through the short story "Duzu-Querença" reflect on the poor figure in contemporary Brazilian literature. And investigate how the characters through unique paths, constitute a kind of collective memory of marginalized / poor, which intersects with points as the ancestry and the "community", resulting in a personification of becoming-us of the poor in Querença character belonging to the tale in question. Through research bibliography, of qualitative nature, based on studies of Bauman (2003), Souza (2009), Hardt and Negri (2001), and others), about the social settings that are established around the poor guy in the spaces " real "living together in society, as well as in studies on Contemporary Literature Dalgastagnè (2012), Ludmer (2007), and Hutcheon (1991). And above all, the concept of "Multitude of Literature," Justino (2015), our aim was to understand the role played by characters evaristiano tale for semiotization of many ex-centric in Brazilian Literature Contemporary, and how to process / configures this action.

Keywords: Brazilian Literature, poor, Duzu-Querença.

Referências:

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda. (orgs). **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- DALGASTAGNÈ, Regina. O lugar de fala. In: **Literatura brasileira contemporânea: um território conturbado**. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012, (p.18-47)
- EVARISTO, Conceição. Duzu-Querença. In: **Olhos d'água**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 29-37.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antônio. Os pobres. In: **Império**. Trad. Berilo Vargas. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 174-177.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.
- JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente**. Campina Grande: EDUEPB, 2015.
- LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas**. Revista Sopro, Desterro, n.20, p. 1-6, janeiro de 2007.
- SOUZA, Jessé. Introdução. In: **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 15-26.